



# NORDESTE



instituto de arte contemporânea

Novembro 1963 - Fevereiro 1964 no Museu de Arte Popular do Unhão, Bahia, Brasil

Exposição organizada pelo Museu de Arte Moderna da Bahia em colaboração com o Museu de Arte da Universidade de Ceará, do seu diretor Livio Xavier, do pintor Francisco Brennand, Recife, do Instituto Joaquim Nabuco e Museu de Linsmeyer, Pernambuco.

Esta exposição desenvolve temas da Exposição Bahia apresentada na V Bienal de São Paulo em colaboração com o prof. Martin Gonçalves então diretor da Escola de Teatro da Universidade da Bahia

Esta exposição que inaugura o Museu de Arte Popular do Unhão deveria chamar-se Civilização do Nordeste. Captação. Procurando tirar da palavra o sentido antio-reacionário que a acompanha. Civilização e o aspecto político da cultura, é a vida dos homens em todos os instantes. Esta exposição procura apresentar uma civilização pensada em todos os detalhes, estudada tecnicamente, (mesmo se a palavra técnica define aqui um espírito primitivo), desde a iluminação às colheres de conito, às colheres, às roupas, às ferramentas, às armas. E a procura desesperada e talvez insensata de homens que não querem ser "dominados", que reclamam seu direito à vida. Uma luta de cada instante para não afundar no desespero, uma afirmação de valores conseguidos e o valor que somente a presença constante de uma realidade pode dar.

Museu de Arte Popular e Oficinas do Unhão, organizados pelo Museu de Arte Moderna da Bahia, Brasil

Exposição organizada pelo Museu de Arte Moderna da Bahia em colaboração com o Museu de Arte da Universidade do Ceará, do seu diretor Livio Xavier, do pintor Francisco Brennand, Recife, do Instituto Joaquim Nabuco e Museu do Limoeiro, Pernambuco.

Colaboraram com empréstimos:  
Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Bahia

Museu do Estado, Bahia  
Escultor Mario Cravo, Bahia  
Pintor Carybé, Bahia  
Escultor Mirabeau Sampaio, Bahia  
Sr. Vasconcelos Maia, Bahia  
Pintor Jenner Augusto, Bahia  
Pintor Lenio Braga, Bahia  
Sra. Cleópatra Mendes Lins, Cidade do Conde, Bahia  
Ver. Josué Fonseca, Jequié, Bahia

A restauração do Conjunto Arquitetônico do Unhão realizada no governo do Gal. Juracy Magalhães foi executada sob a direção, levantamento e projeto, do arquiteto Lina Bo Bardi, diretor do Museu de Arte Moderna da Bahia, com a colaboração dos arquitetos Carlos Campos e Calmon de Brito, e a supervisão administrativa do engenheiro Oscar Tarquinio Pontes. Organização técnica das exposições a cargo de Lina Bo Bardi com a colaboração do pintor Sante Scaldaferrri e do Sr. Renato Ferraz, assistente e secretário do M. A. M. B.

A inauguração do Museu de Arte Popular foi realizada com a ajuda da Secretaria de Viação e Obras Públicas do governo Dr. Antonio Lomanto Junior. A Praça a beira Mar do Conjunto foi realizada pela Secretaria de Viação da Prefeitura, Dr. Virgildasio Sena. O M. A. M. B. agradece aos engenheiros Luiz Braga e Paulo Segundo Secretários de Viação e Obras Públicas do Estado e da Prefeitura, ao eng. Guilardo Muniz, diretor do D. O. J. P., agradece também aos técnicos e operários que colaboraram na restauração do Conjunto e na montagem das exposições.

*Esta exposição desenvolve temas da Exposição Bahia apresentada na V Bienal de São Paulo em colaboração com o prof. Martim Gonçalves então diretor da Escola de Teatro da Universidade da Bahia*

Esta exposição que inaugura o Museu de Arte Popular do Unhão deveria chamar-se Civilização do Nordeste. Civilização. Procurando tirar da palavra o sentido áulico-retórico que a acompanha. Civilização é o aspecto prático da cultura, é a vida dos homens em todos os instantes. Esta exposição procura apresentar uma civilização pensada em todos os detalhes, estudada tecnicamente, (mesmo se a palavra técnico define aqui um trabalho primitivo), desde a iluminação às colheres de cozinha, às colchas, às roupas, bules, brinquedos, móveis, armas. É a procura desesperada e raivosamente positiva de homens que não querem ser "demitidos", que reclamam seu direito à vida. Uma luta de cada instante para não afundar no desespero, uma afirmação de beleza conseguida com o rigor que somente a presença constante duma realidade pode dar.

Matéria prima: o lixo.

Lâmpadas queimadas, recortes de tecidos, latas de lubrificante, caixas velhas e jornais. Cada objeto risca o limite do "nada" da miséria. Este limite e a contínua e martelada presença do "útil" e "necessário" é que constituem o valor desta produção, sua poética das coisas humanas não-gratuitas, não criadas pela mera fantasia. É neste sentido de moderna realidade que apresentamos criticamente esta exposição. Como exemplo de simplificação direta de formas cheias de electricidade vital. Formas de desenho artesanal e industrial. Insistimos na identidade objeto artesanal-padrão industrial baseada na produção técnica ligada à realidade dos materiais e não à abstração formal folklórico-coreográfica. Chamamos este Museu de Arte Popular e não de Folklore por ser o folklore uma herança estática e regressiva, cujo aspecto é amparado paternalisticamente pelos responsáveis da cultura, ao passo que arte popular (usamos a palavra arte não somente no sentido artístico mas também no de fazer tecnicamente), define a atitude progressiva da cultura popular ligada a problemas reais.

Esta exposição quer ser um convite para os jovens considerarem o problema da simplificação (não da indigência), no mundo de hoje; caminho necessário para encontrar dentro do humanismo técnico, uma poética.

Esta exposição é uma acusação.

Acusação dum mundo que não quer renunciar à condição humana apesar do esquecimento e da indiferença. É uma acusação não-humilde, que contrapõe às degradadoras condições impostas pelos homens, um esforço desesperado de cultura.

L. B. B.

Museu de Arte Popular e Oficinas do Unhão, organizados pelo Museu de Arte Moderna da Bahia, Brasil